

Palestra do Sr. Luis Romano

na entrega do XII Prêmio Estadual de Direitos Humanos Emmanuel bezerra dos Santos, 2005

Ilustríssimos Senhores,

Incumbiu-me a compatriota Vera Duarte, Presidente da Comissão Nacional para os Direitos Humanos e a Cidadania de Cabo Verde, que não lhe sendo possível estar presente nesta sessão solene do Dia Municipal dos Direitos Humanos, ora em programação, a representasse.

Embora sem as virtudes que ela detém dos ensinamentos legais para levar a efeito tão nobre delegação, só o facto de se tratar do tema superior referente aos Direitos Humanos me encorajou a não recusar tão elevada honra, tanto mais que ele abrange o mundo inteiro e, no caso em apreço, engloba a interação Brasil-Cabo Verde, países irmãos que agora se conhecem melhor.

Foi em 1970 que assistimos a uma palestra intitulada “O Essencialismo Literário”, do então jurista e professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Edgar Barbosa, que evocava a interação literária Brasil-Cabo Verde, palavra que ouvimos pela primeira vez e nos emocionou sobremaneira. Daí em diante uma revelação não me permitiu mais desligar fraternal e culturalmente nossos laços de simpatia humana de outros aspectos que unem esses dois países distantes, que só tinham em comum um passado banhado pelo desconhecido Oceano Atlântico, portador de elementos afros que serviram de apoio à colonização que, talvez iniciada antes de 1500, se perde na noite do tempo.

Eis porque este assunto se tornou abrangente, com resgates de povos de outras procedências e arrancados do seu habitat para servir de mão de obra escrava, traduzindo resultados nefastos que todos conhecemos: transformar a criatura humana em bestia de serventia. Efeito que bate frontalmente contra os Direitos Humanos, através da liberdade social de milhões de seres de nossa espécie deslocados a contragosto de seu mundo tradicional para, do mal o menor, se constituir em novo “produto híbrido” que se adaptou a atrocidades circunstanciais decorrentes, contribuindo para a expansão da mestiçagem já naturalmente amoldada para ficar, viver e vencer nesses estranhos países de que nem fazia-se a mínima idéia existirem.

Depois de muito sangue derramado, os adventícios se adaptaram, contrafeitos ou não, constituindo o embasamento de novas nações de gente com outros costumes, alimentação, crenças, músicas e procedimentos que se tornaram inconscientemente sincréticos; ora aceitáveis, ora sob confrontos violentos entre colonos e colonizadores, até que o tempo se encarregou de apaziguar tais impulsos instintivos, que a natureza soube constituir para não interromper a presença humana na sua evolução paciente e imperceptível.

Desse modo foi que o Brasil e Cabo Verde se tornaram cadinho de vários povos trazidos d’além-mares e terras, com desconhecidos conceitos existenciais, até amalgamar famílias em massa palpitante de vida e civilização ainda sob fase de ajustamento, onde os Direitos

Humanos têm longo percurso a desempenhar, especialmente com referência à linguagem materna.

Nessa interação específica acontece um caso a considerar, se nos apercebermos da aproximação biológica entre seus habitantes, embora afastados por vasta distância atlântica, o que não embarga a simpatia que lhe serve de atração emocional e estabelece parâmetros de convivência – falamos do homem simples – com idênticos problemas do dia a dia, onde é flagrante a carência e a necessidade de aplicação essencial dos Direitos Humanos.

Luís Romano



www.dhnet.org.br